



# M MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

23 de Fevereiro de 2011

## Declaração do Partido Operário Revolucionário sobre a crise revolucionária na Líbia

As informações sobre os confrontos entre o regime do coronel Muammar Kadafi não são precisas. Organismos internacionais estimam “mais de 500 mortos”. O porta-voz do governo, Saif al-Islam, filho do ditador, reconheceu a jornalistas “pelo menos 300 pessoas, incluindo 58 militares.” Se de fato ocorreram baixas nas forças de repressão, não é destituído de sentido a proclamação de Saif de que está em curso uma guerra civil. O que implica não apenas a sublevação popular, mas também uma divisão no exército.

As notícias sobre deserção de soldados e de proclamação para que as Forças Armadas se coloquem do lado do levante indicam que se abriu uma crise revolucionária na Líbia. Tem sido confirmado a renúncia de diplomatas de seus cargos e pronunciamentos contra a violência da repressão. O abandono do cargo de ministro do Interior da Líbia, pelo general Abdul Fatah Yunis, portanto da autoridade responsável pela defesa policial e militar do regime, expôs uma cisão significativa. Caso Kadafi conserve o comando de parte do exército, a possibilidade do conflito se transformar em guerra civil está colocada.

O fato, se confirmado, de que parte do território do País está sob o controle dos insurretos aumenta a possibilidade de enfrentamentos armados. O objetivo anunciado se concentra na destituição de Kadafi, que controla o Estado desde 1969.

Nesses 42 anos de governo, o ditador passou por mudanças políticas. Ascendeu ao poder liderando um golpe militar contra a monarquia e assumiu posições nacionalistas. O seu principal feito se resumiu na nacionalização do petróleo. O imperialismo o acusou de patrocinar o terrorismo árabe. Armou-se o cerco econômico nos anos 80 – inclusive os Estados Unidos atacaram militarmente o País sob a alegação de que estavam destruindo campos de



*Protestos na Líbia: oposição já controla parte do país*

treinamento de terroristas. Agravou-se o choque com as potências com a explosão de um avião comercial em 1988. A ONU apertou o cerco econômico. Nos anos 90, Kadafi fez uma virada de adaptação às exigências do imperialismo. Abandonou o nacionalismo militar inicial. Abriu as fronteiras nacionais para as multinacionais, interessadas na riqueza petrolífera. Realizou privatizações como gesto de aproximação com as potências. Em fins de 90, estava resolvida a pendência em torno da extradição de dois militantes que praticaram o terror e da indenização das famílias atingidas. O ditador encontrou na Itália – um de seus colonizadores, de 1911 até a 2ª Guerra Mundial – um ponto de apoio para se promover junto às potências.

A virada do nacionalismo para o pró-imperialismo implicou para a Líbia não apenas a abertura da economia para o capital multinacional, mas também rupturas políticas e ações repressivas contra a população. Rompeu com o Irã e passou a combater os adeptos do “fundamentalismo islâmico”. Tem no Movimento dos Mártires Islâmicos um de seus adversários internos mais duros. Kadafi atendeu ao ultimato de governos europeus de bloquear os imigrantes africanos. A União

Européia e, particularmente a Itália, impôs um acordo de controle de fronteira e financiou a ditadura de Kadafi na compra de sofisticados radares, instalados nas costas marítimas da Líbia.

O levante que eclodiu em Benghazi avançou para outros centros urbanos, configurando uma insubordinação generalizada. O fato das Forças Armadas terem agido como se estivessem em guerra civil expressa o esgotamento do regime político. O mesmo se depreende da resposta das massas que procuram armas para resistir e avançar. A possibilidade de quartéis abrirem arsenais está colocada. A informação de que chefes tribais estão apoiando a revolta, se confirmada, certamente potencializará as tendências de guerra civil.

Os Estados Unidos, por enquanto, se limitaram a condenar as mortes e a aconselhar Kadafi a não provocar um massacre. Os interesses norte-americanos na Líbia não são poucos. Diferentemente do caso do Egito, a Casa Branca não tem controle direto da casta militar. O ditador estava em plena política de colaboração com as potências quando um vigoroso movimento iniciado na Tunísia abarcou vorazmente o Egito e explodiu na Líbia.

O chão árabe, do Norte da África ao Oriente Médio, vem sendo sacudido com o terremoto social. Caracteriza-se como revolucionário em razão de se chocar com ditaduras burguesas, controladas por familiares e utilizadas para toda sorte de privilégios de uma casta que parasita o Estado.

O regime de Muammar Kadafi não foge a essa regra. Seu passado nacionalista não o isenta dessa condição. Pelo contrário, demonstra a impotência do nacionalismo burguês e sua inevitável conversão em pró-imperialista.

Por ser um regime mais fechado que o do Egito, na atual circunstância, está difícil identificar as forças sociais em luta e divisar as direções burguesas e pequeno-burguesas. Não há uma direção proletária e revolucionária. Essa é uma certeza. Nela reside a chave do levante e da revolução democrática. O Egito acaba de confirmar que sem o programa da revolução e ditadura proletárias não é possível triunfar a revolução democrática. Mas o movimento pode avançar mais ou menos na tarefa de liquidar a ditadura por meio da ação direta e de sua forma insurrecional mais elevada. Caso as massas líbias se apossassem das armas, estarão muito mais à frente que as massas egípcias. A sublevação ganhará consistência e se projetará após a queda de Kadafi se estiver armada e se se organizarem coletivamente no terreno próprio da classe operária.

O temor do imperialismo no Egito se concentrou



*Manifestantes protestam sobre uma delegacia incendiada na Líbia*

exatamente no perigo de as Forças Armadas continuarem identificadas com o regime que sustentou por longos anos. Também no Egito se derramou sangue, mas pelas armas da polícia e da milícia paramilitar. Não por acaso, a imprensa não destacou com a devida ênfase as mortes no Egito como está destacando agora na Líbia. É necessário rechaçar a intervenção do imperialismo nos acontecimentos. A ausência de bandeiras antiimperialistas nos levantes expõe a debilidade da luta democrática contra as ditaduras.

O Conselho de Segurança da ONU aprovou, no dia 23, uma moção condenando as mortes e pedindo o fim da violência. A intenção era de convocar o Conselho dos Direitos Humanos para aprovar uma diretriz. Essa é uma das vias pelas quais o imperialismo atua por cima dos países semicoloniais.

O Brasil tem servido de caixa de ressonância para o intervencionismo. O novo chanceler brasileiro foi colocado na tribuna internacional para expressar a mudança das diretrizes da política exterior de Dilma. Condenamos esse papel de capacho do imperialismo assumido por Dilma Rousseff. O objetivo do imperialismo não é o de evitar o banho de sangue, haja vista os genocídios praticados no Iraque e no Afeganistão e o apoio a regimes autocráticos como o de Mubarak. Mas sim o de impossibilitar que as massas derrubem a ditadura pela via revolucionária, que inclui o seu armamento, único caminho para combater a violência reacionária do regime apodrecido.

O POR declara apoio à revolta popular. Pelo fim do regime reacionário! Abaixo a ditadura de Kadafi! Que os militares insubordinados abram o arsenal do exército! Resistir ao massacre, armando-se! Constituir organismos de poder das massas em luta! Por um governo revolucionário de operários, camponeses e classe média pobre!

**Viva o levante popular na Líbia!**

23 de fevereiro de 2011